Teoría y Método

O enfermeiro que atua em Unidades de Terapia Intensiva: Perfil e Capacitação Profissional*

Las enfermeras que trabajan en unidades de cuidados intensivos: Perfil y Formación Profesional

The nurses who work in intensive care units: Profile and Professional Training

Fabiana Cristina Santos[1]; Silvia Henriques Camelo[2]

*Este artigo foi extraído do Projeto de Iniciação Científica financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)-Brasília-DF- Brasil.

[1]*Enfermeira. Mestranda do Programa de Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: fabianacrs@hotmail.com*

[2]*Professora. Doutora do Departamento de Enfermagem Geral e Especializada, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: shcamelo@eerp.usp.br*

Cómo citar este artículo en edición digital: Santos, F.C. y Camelo, S.H. (2015). O enfermeiro que atua em Unidades de Terapia Intensiva: Perfil e Capacitação Profissional
Cultura de los Cuidados (Edición digital), 19(43). Disponible en: <http://dx.doi.org/10.14198/cuid.2015.43.13>

Corespondencia: Fabiana Cristina dos Santos
Endereço: Júlio Volpe, 218- Ulisses Guimarães- CEP: 14177-363. Sertãozinho- São Paulo- Brasil.
Correo electrónico: fabianacrs@hotmail.com
Recibido: 20/05/2015; Aceptado: 15/09/2015



ABSTRACT

Objective: To identify the profile of the professional nurse working in ICU.

Methodology: It is an integrative review and data collection was performed in four electronic databases from January to June 2012. We selected 21 articles, published from 2008 to 2011. We identified two categories related to nurse profile: Social Profile and academic background of the ICU nurses and nurse's training to work in intensive care units.

Results: The results showed female nurses, young, formed of time ranging from one to 25 years. Identifies the need for professional development with technical and scientific update through training, specialization and graduate.

Conclusion: The study should elicit reflection of nurses and managers of health services as the appropriate profile for the development activities in highly complex units.

Keywords: Nurses, Hospital, Intensive Care Units, Human Resources Formation.

RESUMEN

Objetivo: Identificar el perfil de la enfermera profesional que trabaja en la UCI.

Metodología: Se trata de una revisión y recopilación de datos de integración se realizó en cuatro bases de datos de enero a junio de 2012. Se seleccionaron 21 artículos, publicados entre 2008 y 2011. Se identificaron dos categorías relacionadas con el perfil de la enfermera: Perfil Social y formación académica de las enfermeras de la UCI y de entrenamiento de enfermería para trabajar en unidades de cuidados intensivos.

Resultados: Los resultados mostraron enfermeras, jóvenes, formados de tiempo que va de uno a 25 años. Identifica la necesidad de desarrollo profesional con la actualización técnica y científica a través de la formación, especialización y posgrado.

Conclusión: El estudio debería provocar la reflexión de los enfermeros y gestores de los servicios de salud como el perfil adecuado para las actividades de desarrollo en unidades de alta complejidad.

Palabras clave: Enfermeras, Hospitales, unidades de cuidados intensivos y la capacitación de los recursos humanos.

RESUMO

Objetivo: Identificar o perfil do profissional enfermeiro que atua em UTI.

Metodologia: É uma revisão integrativa e a coleta de dados foi realizada em quatro bases eletrônicas no período de janeiro a junho de 2012. Foram selecionados 21 artigos, publicados no período de 2008 a 2011. Identificamos duas categorias relacionadas ao perfil do enfermeiro: Perfil social e formação acadêmica do enfermeiro de UTI e Capacitação do Enfermeiro para atuar em unidades de terapia intensiva.

Resultados: Os resultados mostraram enfermeiros do sexo feminino, jovens, tempo de formado variando entre um e 25 anos. Identifica-se a necessidade do desenvolvimento profissional com atualização técnico-científica por meio de treinamentos, especializações e pós-graduação.

Conclusão: O estudo deve provocar reflexão dos enfermeiros e gestores dos serviços de saúde quanto ao perfil adequado ao desenvolvimento de atividades em unidades de alta complexidade.

Palavras chave: Enfermeiros, Hospitais, Unidades de terapia intensiva e Formação de recursos humanos.

INTRODUÇÃO

Frente à evolução e a globalização tecnológica, os profissionais enfrentam grandes desafios no ambiente de trabalho, como lidar com novos conhecimentos e habilidades; adaptação a diferentes formas de trabalho; exigências cada vez maiores à alta produtividade e máxima qualidade dos produtos/serviços em tempo reduzido e maior competitividade no mercado de trabalho. Dessa forma, as instituições hospitalares exigem um perfil de profissional diferenciado que corresponda a essas exigências, provocando transformações das práticas assistenciais e gerenciais.

No âmbito hospitalar, o processo de cuidar e o de gerenciar podem ser considerados como as principais dimensões do trabalho do enfermeiro. Neste contexto, a Unidade de Terapia Intensiva (UTI) se caracteriza por um cenário de inovação e o atendimento especializado de enfermagem a pacientes de alta complexidade, potencializa a necessidade constante de um profissional com determinado perfil para atuar nesta área, harmonizando o serviço entre tec-

nologia e assistência.

Ao cuidar de pacientes em uma UTI, a equipe de enfermagem defronta-se com o binômio vida e morte, devido às características tecnológicas e científicas deste local, faz-se necessário muitas vezes a priorização de procedimentos técnicos de alta complexidade, fundamental para manter a vida do ser humano (Martins, Robazzi, Marziale, Garanhani & Haddad, 2009).

O enfermeiro, independentemente do diagnóstico, deve cuidar de todos doentes, utilizando uma abordagem que lhes assegure integridade, sendo que as exigências do cuidado em uma UTI requerem conhecimentos científicos diferenciados e altamente qualificado sobre as técnicas e o manuseio dos equipamentos ali disponíveis (Silva & Cruz, 2008), para que possa prestar uma assistência segura, assim como capacitar sua equipe quanto à realização dos procedimentos de forma correta.

O papel do enfermeiro em uma UTI consiste em obter a história do paciente, fazer exame físico, executar ações complexas de enfermagem, ensinando e orientando os enfermos para a continuidade do tratamento e medidas. Devem ainda, aliar à fundamentação teórica, a capacidade de co-liderança, o trabalho, o discernimento, a iniciativa, a habilidade de ensino, a maturidade e a estabilidade emocional (Morton, Fontaine, Hudak & Gallo, 2007).

Frente a estas considerações, destacamos que o enfermeiro intensivista necessita de um perfil que lhe permita desenvolver suas funções eficazmente, aliando conhecimento técnico científico, humanização e individualização do cuidado proporcionando qualidade na assistência prestada.

Nesse sentido, este estudo apresenta os seguintes questionamentos: Quem são os enfermeiros que atuam em UTI(s)? Qual o preparo e/ou formação acadêmica destes profissionais para executar as tarefas preconizadas nestas unidades?

Identificar o perfil deste trabalhador deve contribuir para provocar reflexão dos futuros profissionais quanto ao seu preparo para atuar nesta área, bem como dos gestores dos serviços e dos centros formadores sobre o seu papel na formação e aprimoramento destes trabalhadores para uma assistência de alta complexidade.

Assim, este estudo teve o objetivo de identificar o perfil sociodemográfico e profissional do enfermeiro que atua em UTI, segundo as variáveis: sexo, idade, formação acadêmica, tempo de trabalho e especialização e/ou capacitação em alta complexidade.

METODOLOGIA

Para o alcance do nosso objetivo, optamos pelo método da revisão integrativa, visto que ele possibilita sumarizar as pesquisas já concluídas e obter conclusões a partir de um tema de interesse. Ela é a mais ampla abordagem metodológica referente às revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado, combina dados da literatura teórica e empírica, (Whittemore & Knafl, 2005) além de incluir análise de pesquisas relevantes que dão suporte para a tomada de decisão e a melhoria da prática clínica (Benefield, 2003; Silveira, 2005), possibilitando a síntese do estado do conhecimento de um determinado assunto, além de apontar lacunas do conhecimento que precisam ser preenchidas com a realização de novos estudos (Polit & Beck, 2006).

A estratégia de busca utilizada foi à consulta às bases eletrônicas: Medical Literature Analysis and Retrieval System Online– Medline, Literatura Latino-Americana e do caribe

em Ciências da saúde- Lilacs, Scientific eletronic library online- Scielo e Banco de dados bibliográficos especializada na área de Enfermagem do Brasil- BDENF, sendo a coleta realizada no período de outubro a dezembro de 2013.

Para o levantamento bibliográfico dos artigos, utilizamos os Descritores em Ciências da Saúde (Decs): Enfermeiros, Hospitais, Unidades de terapia intensiva e Formação de recursos humanos.

Os critérios utilizados para a seleção de estudos foram: artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais, em português, inglês e espanhol, nos últimos cinco anos, disponíveis na integra nas bases de dados selecionadas que abordassem a temática investigada. Foram excluídos trabalhos como teses, dissertações, livros e capítulos de livros que objetivou eliminar publicações que não passaram por rigorosa avaliação e revisão por pares, de modo a selecionar apenas a literatura indexada.

RESULTADOS e DISCUSSÕES

Características dos artigos

Foram encontrados 46 estudos, dos quais foram selecionados 24 artigos que corresponderam às questões norteadoras e objetivos propostos, sendo 21 (87,5%) em português, dois (8,33%) em inglês e um (4,16%) em espanhol, publicados no período entre 2009 a 2013, conforme a Quadro1.

Os Descritores mais utilizados pelos autores dos estudos foram: Unidades de Terapia Intensiva, Enfermagem e Estresse. Em relação aos delineamentos de pesquisa sete (29,16%) estudos utilizaram a abordagem metodológica qualitativa e 17 (70,83%) quantitativos. Neste sentido, embora haja uma maior quantidade de estudos quantitativos, o objeto de pesquisa ora analisado pode ser estudado por diferentes delineamentos metodológicos.

Após a coleta de dados foi realizada uma análise temática onde podemos depreender duas categorias relacionadas ao perfil do enfermeiro: Perfil social e formação acadêmica do enfermeiro que atua em UTI e Capacitação e preparo do Enfermeiro para atuar em UTI.

Além disto, analisando os dados dos artigos, depreendemos outra categoria relacionada a situações estressantes envolvendo enfermeiros intensivistas a qual denominamos: Fatores de desgaste no trabalho do enfermeiro que atua em UTI.

Perfil sociodemográfico e formação acadêmica do enfermeiro que atua em UTI

Os dados mostraram enfermeiros atuando em UTI(s) predominantemente do sexo feminino (Biondo, Silva & Secco, 2009; Faria & Cassiani, 2011; Fogaça, Carvalho & Martins, 2010; Silva & Ferreira, 2011), podendo observar que a mulher, enquanto enfermeira representa a maioria na prestação de cuidados no ambiente hospitalar, aspecto que reflete a tradição cultural, ressaltando que a questão do gênero está associada à atribuição de tarefas e aos papéis, particularmente na profissão do enfermeiro (Almeida et al., 2004; Castro & Castro, 2003; Gardenal, Parreira, Almeida & Pereira, 2002; Pinho, 2002).

Os resultados mostraram enfermeiros na faixa etária entre 23 e 58 anos (Claro, Krocockz, Toffolleto & Padilha, 2011; Fogaça, Werther & Martins, 2010; Martins, Robazzi & Garanhani, 2009; Prebystero, Costa & Santos, 2010; Silva & Ferreira, 2011; Silva, Valença & Germano, 2010), sendo que 28,5% dos artigos selecionados os trabalhadores apresentavam idade inferior a 40 anos, demonstrando uma população jovem, com possibilidade de am-

pliação do conhecimento científico e técnico em alta complexidade. A presença de enfermeiros abaixo de 40 anos, atuando em UTI, pode estar relacionado ao indício de que esses profissionais, quando atingem essa idade, são remanejados para outros setores, procuram cargos administrativos, buscam a área de ensino ou até mesmo desistem da profissão (Guerrer & Bianchi, 2011) demonstrando uma tendência pela procura de áreas de cuidados críticos, em busca de experiência profissional.

Analisando o tempo de formação, autores revelam entre um e 25 anos, o que demonstra que neste setor há possibilidade de encontrar tanto enfermeiros com pouca experiência para lidar com situações específicas e cuidados críticos, quanto aquele com vivência na profissão (Belo, Silva, Nogueira, Mizoguti & Ventura, 2012; Claro, Krocockz, Toffolleto & Padilha, 2011), o que possibilita o desenvolvimento de habilidades, segurança e experiência para tomada de decisões.

Quanto ao preparo acadêmico dos enfermeiros para atuar na UTI, alguns temas são abordados durante a graduação como a competência da liderança em enfermagem, que pode auxiliar o exercício deste profissional em cuidados críticos (Balsanelli, Cunha & Whitaker, 2009). Entretanto, observou-se a insatisfação de enfermeiros em relação à capacitação em temas como farmacologia, durante o curso de graduação (Faria & Cassiani, 2011), prejudicando a sua atuação junto ao paciente, potencializando situações de risco e erros de medicações.

Os currículos de graduação em enfermagem apresentam de uma forma geral que o cuidar é uma das funções do enfermeiro. Nas UTI(s), ambiente altamente especializado, o cuidado direto ao paciente grave está inclusive prevista na lei do exercício profissional como



atividade privativa do enfermeiro. Portanto, este profissional deve ter conhecimento sobre recursos tecnológicos como o de especialidades clínicas dos clientes deste setor.

Os cursos de graduação em enfermagem precisam se envolver cada vez mais no processo de formação de profissionais que atendem as especialidades da prática, principalmente no que se refere à aplicação da tecnologia no cuidado e o seu domínio, como ocorre nas UTI(s) (Silva & Ferreira, 2011).

E em relação ao tempo de trabalho na UTI, vários artigos relataram a experiência do enfermeiro no setor por mais de quatro anos (Balsanelli & Cunha, 2013; Cardoso, Esteche, Oliveira, Sherlock & Cardoso, 2010; Costa, Figueiredo & Schaurich, 2009; Fogaça, Werther & Martins, 2010). Aqueles profissionais com menor experiência têm chances de discutir suas dificuldades/desafios com aqueles com maior experiência (Preto & Pedrão, 2009). Estes, por sua vez possuem visão mais apurada da situação que lhe possibilita resolver problemas de uma forma diferente do iniciante.

Para que os enfermeiros com menor experiência profissional preencham os requisitos para trabalhar em UTI(s), é necessário discernimento, responsabilidade e iniciativa, pois, é condição fundamental para os trabalhadores

em UTI(s) ter no mínimo um ano de atividade contínua nestas unidades (Martins, Robazzi & Garanhani, 2009), em busca de experiência profissional.

A experiência profissional, o envolvimento institucional e a estabilidade adquirida pelo tempo de serviço são fatores que estimulam nos profissionais a permanência em uma organização, e ainda, o tempo de trabalho em uma instituição pode estar associado à proposta de trabalho da instituição e satisfação individual (Martins, Kobayashi, Ayoub & Leite, 2006).

O enfermeiro enquanto coordenador da assistência de enfermagem é esperado, no seu dia-a-dia de trabalho comportamentos que demonstrem as competências necessárias para o desempenho de suas funções (Soares, 2011) dentre elas, destacamos a competência da liderança como organização da assistência prestada ao paciente crítico.

Capacitação profissional do enfermeiro para atuar em Unidades de Terapia Intensiva

A análise dos artigos possibilitou verificar a importância da capacitação profissional do enfermeiro para atuar em unidades de alta complexidade, visto a necessidade de rever e atualizar os seus conhecimentos a fim de acompanhar as constantes mudanças e exigências do mercado de trabalho neste setor (Buchi & Mira, 2010; Camelo, Silva, Laus & Dias, 2013; Preto & Pedrão, 2009).

A capacitação é um processo que representa para o profissional o domínio de conhecimentos específicos que resultam de formação, desenvolvimento de habilidades, experiência para que possam exercer determinada função, pois, quanto melhor o profissional for capacitado, maior é a probabilidade de serem competentes no exercício de suas funções (Martins, Kobayashi, Ayoub & Leite, 2006). Em unidade de alta complexidade, esta situação torna-se relevante, pois, além da necessidade do uso de tecnologias emergentes, o enfermeiro deve conhecer estratégias eficazes para uma assistência de qualidade. Neste sentido, a busca pela capacitação deve acontecer naturalmente e constantemente.

O enfermeiro que atua em UTI é o gerente do cuidado prestado ao paciente grave e para desempenhar esse papel, é necessária sua atualização técnico-científica, ética e política, bem como, seu comprometimento e responsabilidade, além de ser negociador e líder (Buchi & Mira, 2010).

A atualização técnico-científica de um profissional pode ocorrer por meio de treinamentos em serviço (Buchi & Mira, 2010), cursos de pós- graduação lato sensu (Almeida & Lamas, 2013; Balsanelli, Cunha & Whitaker, 2009; Biondo, Silva & Secco, 2009; Cardoso, Esteche, Oliveira, Sherlock & Cardoso, 2010; Fogaça, Carvalho & Martins, 2010) e pós- graduação stricto sensu (Bucchi & Mira, 2010; Chaves & Massarollo, 2009; Guerrer & Bianchi, 2011; Martins, Robazzi & Garanhani, 2009; Polit & Beck, 2006;).

Dessa forma, o próprio enfermeiro ou a instituição deve buscar meio ou estratégias para o aprimoramento profissional deste trabalhador. Observou-se que os enfermeiros intensivistas necessitam de treinamentos logo na admissão da unidade, pois, responsabilizam-se pela prestação de cuidados complexos, pela dinamicidade e monitoramento das informações que determinam e alteram a terapêutica. Para alcançar um perfil de enfermeiro desejado algumas metas devem ser atingidas, tais como a prestação da assistência de enfermagem fundamentada nos princípios éticos e legais e com autonomia, a realização de procedimentos essenciais ao paciente da UTI nos primeiros três

meses, e nos três meses subsequentes, a realização de procedimentos especializados, conforme rotinas na Instituição (Buchi & Mira, 2010). Além disso, destacam-se cursos de especialização (Balsanelli, Cunha & Whitaker, 2009; Fogaça, Werther, & Martins, 2010) como uma das estratégias utilizadas pelos enfermeiros sendo que os cursos oferecem atualização e aprimoramento que permite ao profissional enfermeiro tornar-se competente (Buchi, & Mira, 2010) e nesse sentido, o desenvolvimento profissional com aquisição de competências e habilidades para atuar junto ao paciente gravemente enfermo, contribuindo positivamente na melhoria da prática assistencial.

A pós-graduação stricto sensu é outro recurso procurado pelos enfermeiros (Bucchi & Mira, 2010; Guerrer & Bianchi, 2011; Martins, Robazzi & Garanhani, 2009; Polit & Beck, 2006; Soares, 2011), com possibilidade de formação específica na área e experiência significativa dos enfermeiros no campo de atuação para o ensino e a pesquisa.

A frequência dos enfermeiros que atuam em UTI em cursos de pós-graduação tem como consequência dois pontos positivos, primeiro é o estímulo oferecido por esses cursos na elaboração de pesquisas, geralmente derivadas da vivência prática; segundo, por atuarem na área assistencial, a possibilidade de implementação dos resultados obtidos é maior (Chaves & Massarollo, 2009).

Esse perfil de profissional representa algo importante na assistência de pacientes críticos, já que são necessárias habilidades específicas destes trabalhadores para atuar em UTI(s).

Considerando as características do trabalho de enfermagem executado nas UTI(s), e o perfil de profissional que se faz necessário, leva-nos a pensar sobre possíveis situações complexas e desgastante vivenciadas diariamente por estes trabalhadores, tanto em relação a complexidade da assistência prestada, quanto, no que diz respeito a sua capacitação constante. E analisando os artigos selecionados podemos verificar a existência deste fato, quando se identifica fatores de desgaste envolvendo o enfermeiro que atua em UTI, apresentados a seguir.

Fatores de desgaste no trabalho do enfermeiro que atua em UTI

Analisando os artigos selecionados podemos verificar fatores desgastantes nas condições de trabalho relacionadas ao enfermeiro que atua em cuidados críticos. Entre eles estão a insatisfação com o trabalho associada com a sua atividade. Cabe destacar que as funções que executam diariamente passam a serem fontes de estresse, interferindo em sua saúde e qualidade de vida, visto que o enfermeiro assume uma postura de alerta constante devido às características emergenciais próprias desse setor (Monte, Lima, Neves, Studart & Dantas, 2013; Moreira, Queiroz, Araújo, Araújo & Caetano, 2009).

A sobrecarga de trabalho exigida dos enfermeiros, o esforço físico para a realização de tarefas, muitas vezes de outros profissionais, relacionado à demanda do serviço e o dimensionamento de profissionais inadequado, tem efeito significativo no trabalho (Coutinho & Rolim, 2005). A demanda desordenada e excessiva de atividades gera novos estímulos, contribuindo para o surgimento de estressores que agridem a saúde do profissional.

O ambiente de alta complexidade como o caso da UTI influencia na percepção da qualidade do cuidado, na insatisfação do trabalho e na intenção de deixar o emprego pelos enfermeiros, quando mediadas pelo sentimento de exaustão emocional causada pelo ambiente de trabalho (Panunto & Guirardello, 2013).

Outro fator que pode levar ao gasto de energia por parte do enfermeiro é o relacionamento dentro da equipe de enfermagem entre superiores, colegas e pacientes. A busca do equilíbrio entre as relações desenvolvidas pode vir a ser um dos fatores que propicie a diminuição das situações de estresse (Sanguiolliano, 2004). No mundo do trabalho a relação entre auxiliares, técnicos de enfermagem e o enfermeiro deve ser aprimorada e contribuírem em satisfação e bem-estar psicológico no ambiente de trabalho.

Para enfermeiros que atuam em situações críticas, apesar de sua habilidade e efetiva atuação frente à instabilidade da situação dos pacientes graves, as condições de trabalho e atividades relacionadas à administração de pessoal, entre outros, são situações consideradas estressantes (Dias, Boas, Dias & Barcellos, 2005).

A proximidade com a dor e o sofrimento parece provocar nos enfermeiros uma empatia para o vínculo terapêutico, o que proporciona uma melhor assistência de enfermagem, mas ao mesmo tempo um desgaste emocional íntimo ligado à dificuldade no lidar com a terminalidade (Martins, Kobayashi, Ayoub & Leite, 2006).

Quando o enfermeiro de depara com evolução negativa do diagnóstico de um paciente crítico e o envolvimento com este paciente e seus familiares (Ferreira & Martino, 2006) pode trazer para o enfermeiro dificuldades psicossociais em sua vida pessoal e profissional, portanto uma das alternativas para minimizar este desgaste do profissional seriam o suporte e acompanhamento psicológico.

A presença contínua de insatisfação do enfermeiro com a sua atividade profissional, associada aos agentes estressores, sugere o quadro de Burnout, caracterizado como aumento do grau de insatisfação, interferindo em sua saúde e qualidade de vida (Martins, 2003; Martins, Robazzi & Garanhani, 2009; Menzani & Bianchi, 2005; Shimizu & Ciampone, 2002).

Diante dos achados, a UTI mostrou-se um ambiente estressante para os profissionais da saúde, em especial para o enfermeiro, pela prestação de cuidados ao paciente crítico que exigem responsabilidade e qualificação profissional, acarretando em desgaste físico e emocional. É preciso, entretanto, mobilizar estes profissionais e instituições de saúde para a implementação de estratégias individuais e em grupo, pois, o estresse afeta a vida pessoal e o desempenho profissional dos enfermeiros (Inoue, Versa, Murassaki, Melo & Matsuda, 2013).

A modificação na vida diária, como realizar atividades de lazer e praticar exercícios físicos são mecanismo de enfrentamento do estresse que o enfermeiro consegue amenizar. A atividade física é a forma primária para combater os efeitos nocivos do estresse e gera sensação de bem-estar físico e relaxamento (Menzani & Bianchi, 2005).

O desenvolvimento de uma atividade física, a manutenção de uma dieta saudável, repouso e manter as atividades sociais são alguns dos fatores necessários para o controle e o enfrentamento do estresse (Martins, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados mostraram enfermeiros de UTI predominantemente do sexo feminino, jovens, tempo de formado variando entre um e 25 anos e experiência na área superior a quatro anos, com preparo acadêmico insuficiente durante a graduação.

No ambiente hospitalar especializado da terapia intensiva, identifica-se a necessidade e a busca pelo desenvolvimento profissional

com atualização técnico-científica por meio de treinamentos em serviços, especialização e cursos de pós- graduação.

O estabelecimento do perfil do enfermeiro que atua em UTI requer o reconhecimento de que o paciente crítico tem o direito ao cuidado especializado tendo o enfermeiro que apresentar determinadas características e aptidões para que haja o comprometimento com o paciente, no sentido de atender aos requisitos do cuidado que se processa neste setor, impactando assim qualidade da assistência prestada.

A experiência profissional bem como a qualificação especializada são aspectos que devem ser repensados no atual contexto de contratação dos profissionais enfermeiros para atuarem em setores de alta complexidade.

Entendemos a limitação de estudos desta natureza, entretanto, ressaltamos que esta investigação deve provocar a reflexão dos gestores, centros formadores e futuros enfermeiros quanto ao perfil necessário para o desenvolvimento de atividades de alta complexidade. Outros estudos devem ser realizados no sentido de identificar estratégias da gerência das UTI(s) para a qualificação destes profissionais.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M.C.P., et al. (2004). Perfil da demanda dos alunos da pós-graduação stricto sensu da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. *Rev. Latino- Am Enfermagem*, 12(2), 153-61. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692004000200002.
- Almeida, T.C.F., & Lamas, J.L.T. (2013). Enfermeiros de Unidade de Terapia Intensiva adulto: avaliação sobre medida direta e indireta da pressão arterial. *Rev. esc. enferm. USP*, 47(2), 369-376. Recuperado de: http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v47n2/14.pdf.
- Balsanelli, A.P., & Cunha, I.C.K.O. (2013) O ambiente de trabalho em unidades de terapia intensiva privadas e públicas. *Acta paul. enferm*, 26(6), 561-568. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103--21002013000600009&script=sci_arttext.
- Balsanelli, A.P, Cunha, I.C.K.O., & Whitaker, I.Y. (2009). Estilos de liderança de enfermeiros em unidade de terapia intensiva: associação com perfil pessoal, profissional e carga de trabalho. *Rev. Latino-Am Enfermagem*, 17(1), 28-33. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104116920090001000 05&script=sci_abstract&tlng=pt.
- Belo, M.P.M, Silva, R.A.M.C, Nogueira, I.L.M, Mizoguti, D.P., & Ventura, C.M.U. (2012). Conhecimento de enfermeiros de Neonatologia acerca do Cateter Venoso Central de Inserção Periférica. *Rev. bras. enferm*, 65(1), 42-48. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672012000100006.
- Benefield, L.E. (2003). Implementing, evidence-based practice in home care. *Home Healthc nurse*, 21(12), 804-11. Recuperado de: http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/14665967.
- Biondo, C.A, Silva, M.J.P., & Secco, L.M.D. (2009). Dysthanasia, euthanasia, orthotanasia: the perceptions of nurses working in intensive care units and care implications. *Rev. Latino- Am Enfermagem*, 17(5), 613-619. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692009000500003.
- Bucchi, S.M., & Mira, V.L. (2010) Reelaboração do treinamento admissional de enfermeiros de Unidade de Terapia Intensiva. *Rev. Esc. Enferm.* USP, 44(4), 1003-10. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342010000400021.
- Camelo, S.H.H, Silva, V.L.S, Laus, A.M., & Chaves, L.D.P. (2013). Perfil profissional de enfermeiros atuantes em unidades de terapia intensiva de um hospital de ensino. *Cienc. enferm*, 19(3), 51-62. Recuperado de: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-95532013000300006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt.
- Cardoso, S.N.M, Esteche, C.M.G.E, Oliveira, M.M.C, Sherlock, M.S.M, & Cardoso, MVLML. (2010). Desafios e estratégias das enfermeiras na unidade de terapia

intensiva neonatal. *Rev Rene*, 11(4), 76-84. Recuperado de: http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/426.

- Castro, J.L, & Castro, J.L. (2003). Estudo do perfil dos gerentes dos hospitais públicos do Rio Grande do Norte. *En: Ministério da Saúde (BR). Observatório de Recursos Humanos em Saúde no Brasil: estudos e analises*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ. Recuperado de: http://www.obsnetims.org.br/uploaded/6_10_2014__0_livro_Observatorio_de_recursos_humanos_no_Brasil.pdf.
- Chaves, A.A.B, & Massarollo, M.C.K.B. (2009). Percepção de enfermeiros sobre dilemas éticos relacionados a pacientes terminais em Unidades de Terapia Intensiva. *Rev. Esc. Enferm. USP*, 43(1), 30-6. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342009000100004.
- Claro, C.M, Krocockz, D.V.C, Toffolleto, M.C., & Padilha, K.G. (2011). Eventos adversos em Unidade de Terapia Intensiva: percepção dos enfermeiros sobre a cultura não punitiva. *Rev. Esc. Enferm. USP*, 45(1), 167-72. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000100023.
- Costa, S.C, Figueiredo, M.R.B, & Schaurich, D. (2009). Humanização em Unidade de Terapia Intensiva Adulto (UTI): compreensões da equipe de enfermagem. *Interface- Comunic., Saude, Educ*, 13(1), 571-80. Recuperado em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832009000500009&script=sci_arttext.
- Coutinho, R.L.C., & Rolim, K.M.C. (2005). Caracterização de enfermeiros e da prática assistencial em unidade de terapia intensiva neonatal. *Rev Rene*, 6(3), 78-86. Recuperado de: http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/944.
- Dias, S.M.M., Boas, A.A.V., Dias, M.R.G., & Barcellos, K.C.P. (Agosto, 2005). Fatores desmotivacionais ocasionados pelo estresse de enfermeiros em ambiente hospitalar. *En: VIII SEMEAD Seminário em Administração FEA-USP*. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Ribeirão Preto, Brasil. Recuperado de: htpp://www.ead.fea.usp.br.
- Faria, L.M.P., & Cassiani, S.H.B. (2011). Interação medicamentosa: conhecimento de enfermeiros das unidades de terapia intensiva. *Acta paul. enferm*, 24(2), 264-70. Recuperado de: http://www.scielo.br/pdf/ape/v24n2/17.pdf.
- Ferreira, LR.C., & Martino, M.M.F. (2006). O estresse do enfermeiro: análise das publicações sobre o tema. *Rev Ciênc Méd Campinas*, 15(3), 241-8. Recuperado de: http://www.puc-campinas.edu.br/centros/ccv/revcienciasmedicas/portugues/informacao.asp?Protocolo=342.
- Fogaça, M.C, Carvalho, W.B., & Martins, L.A.N. (2010). Demandas do trabalho e controle: implicações em unidades de terapia intensiva pediátrica e neonatal. *Rev Bras Enferm*, 63(4), 529-32. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672010000400005.
- Fogaça, M.C, Werther, B.C., & Martins, L.A.N. (2010). Estudo preliminar sobre a qualidade de vida de médicos e enfermeiros intensivistas pediátricos e neonatais. *Rev. Esc. Enferm. USP*, 44(3), 708-12. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342010000300022.
- Gardenal, C.L.C, Parreira, I, Almeida, J.M., & Pereira, V.M. (2002). Perfil das enfermeiras que atuam na assistência à gestante, parturiente e puérpera, em instituições de Sorocaba/SP (1999). *Rev. Latino-Am Enfermagem*, 10(4), 478-84. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692002000400003&script=sci_arttext.
- Guerrer, F.J.L., & Bianchi, E.R.F. (2011). Estrés de los enfermeros de UCI em Brasil. *Enfermería Global*, 10(2), 1-9. Recuperado de: http://revistas.um.es/eglobal/article/view/121791/114441.
- Inoue, K.C, Versa, G.L.G.S, Murassaki, A.C.Y, Melo, & Matsuda, L.M. (2013). Estresse ocupacional em enfermeiros intensivistas que prestam cuidados diretos ao paciente crítico. *Rev. bras. enferm*, 66(5), 722-729. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672013000500013&script=sci_arttext.
- Martins, M.C. (2003). Situações indutoras de stress no trabalho dos enfermeiros em ambiente hospitalar. Millenium-Revista do ISPV, 28. Recuperado de: http://www.ipv.pt/millenium/Millenium28/18.htm.

- Martins, C, Kobayashi, R.M, Ayoub, A.C., & Leite, M.M.J. (2006). Perfil do enfermeiro e necessidades de desenvolvimento de competência profissional. *Texto Contexto Enferm*, 15(3), 472-78. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-07072006000300012&script=sci_arttext.
- Martins, J.T, Robazzi, M.L.C.C., Marziale, M.H.P., Garanhani M.L., & Haddad, M.C.L. (2009). Significados do gerenciamento de unidade de terapia intensiva para o enfermeiro. *Rev Gaúcha Enferm*, 30(1), 113-9. Recuperado de: http://www.seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/8883.
- Martins, J.T; Robazzi, M.L.C.C., & Garanhani, M.L. (2009). Sentimentos de prazer entre enfermeiros de unidades de terapia intensiva. *Cienc. Enferm,* 15(3), 45-53. Recuperado de: http://www.scielo.cl/pdf/cienf/v15n3/art_06.pdf.
- Menzani, G., & Bianchi, E.R.F. (2005). Determinação dos estressores dos enfermeiros atuantes em unidades de internação. *Enferm Global,* 4(2), 1-09. Recuperado de: http://revistas.um.es/eglobal/article/view/461/490.
- Monte, P.F, Lima, F.E.T, Neves, F.M.O, Studart, R.M.B, & Dantas, R.T. (2013). Estresse dos profissionais enfermeiros que atuam na unidade de terapia intensiva. *Acta paul. enferm*, 26(5), 421-427. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103--21002013000500004&script=sci_arttext.
- Moreira, R.A.M, Queiroz, T.A, Araújo, M.F.M, Araújo, T.M, & Caetano, J.A. (2009). Condutas de enfermeiros no tratamento de feridas numa Unidade de Terapia Intensiva. *Rev Rene*, 10(3), 83-89. Recuperado de: http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/538.
- Morton, P.G., Fontaine, D.K., Hudak, C.M., y Gallo, B.M. (2007). *Cuidados críticos de enfermagem: uma abordagem holística*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Panunto, M.R., & Guirardello, E.B. (2013). Professional nursing practice: environment and emotional exhaustion among intensive care nurses. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, 21(3), 765-772. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692013000300765.
- Pinho, D.L.M. (2002). *O trabalho da enfermagem e a gestão da informação: uma análise ergonômica das atividades das enfermeiras no contexto hospitalar*. (Tese Doutorado). Instituto de Psicologia. UNB. Brasília.
- Polit, D.F., & Beck, C.T. (2006). Using research in evidence-based nursin practice. En *Essentialals of nursing research: methods, appraisal and utilization* (pp. 475-494). Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins.
- Prebystero, R, Costa, M.L.V., & Santos, R.C.S. (2010). Os enfermeiros da unidade neonatal frente ao recém-nascido com dor. *Rev Rene*, 11(1), 125-132. Recuperado de: http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/355.
- Preto, V.A., & Pedrão, L.J. (2009). O estresse entre enfermeiros que atuam em Unidade de Terapia Intensiva. *Rev. Esc. Enferm*. USP, 43(4), 841-8. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342009000400015&script=sci_arttext.
- Sanguiolliano, L. A. (2004). *Stress dos enfermeiros em um hospital privado e as consequências no seu estado de saúde*. (Dissertação Mestrado). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Shimizu, H.E., & Ciampone, M.H.T. (2002). As representações sociais dos trabalhadores de enfermagem não enfermeiros (técnicos e auxiliares de enfermagem) sobre o trabalho em Unidade Intensiva em um hospital-escola. *Rev. Esc. Enferm. USP*, 36(2), 148-55. Recuperado de: http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v36n2/v36n2a06.pdf.
-Silva, I.A.S, & Cruz, E.A. (2008). Trabalho da enfermeira intensivista: um estudo da estrutura das representações sociais. *Rev. Esc. Enferm*. USP. 42(3), 554-62. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342008000300020.
- Silva, L.C.S.P, Valença, C.N., & Germano, R.M. (2010). Estudo fenomenológico sobre a vivência da morte em uma unidade de terapia intensiva neonatal. *Rev Bras Enferm*, 63(5), 770-4. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672010000500012&script=sci_arttext.
- Silva, R.C., & Ferreira, M.A. (2011). Características dos enfermeiros de uma unidade de terapia

tecnológica: implicações para o cuidado de enfermagem. *Rev Bras Enferm*, 64(1), 98-105. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672011000100015&script=sci_arttext.

- Silveira, R.C.C.P. (2005). *O cuidado de enfermagem e o Cateter de Hickman: a busca de evidencias.* (Dissertação Mestrado). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto. Recuperado em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22132/tde-15082007-153503/pt-br.php.
- Soares, J.M.S. (2011). *Perfil de competências de enfermeiros de uma instituição hospitalar da rede privada*. (Dissertação Mestrado). Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo. São Paulo. Recuperado em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7140/tde-20062011-155254/pt-br.php.
- Whittemore, R., & Knafl, K. (2005). The integrative review: update methodology. *J. Adv Nurs*, 52(5), 546-53. Recuperado de: http://www.readcube.com/articles/10.1111%2Fj.1365-2648.2005.03621.x?r3_referer=wol&tracking_action=preview_click&show_checkout=1&purc

QUADRO 1. Distribuição dos artigos publicados nos últimos cinco anos, relacionados ao perfil de enfermeiros de UTIs, segundo periódicos, título, autores e ano de publicação. Ribeirão Preto, 2014.

TÍTULO	AUTORES	ANO	PERIÓDICO
O estresse entre enfermeiros que atuam em Unidades de Terapia Intensiva	Preto & Pedrão	2009	Revista da Escola de Enfermagem da USP
Percepção de enfermeiros sobre dilemas éticos relacionados a pacientes terminais em Unidades de Terapia Intensiva	Chaves & massarollo	2009	Revista da Escola de Enfermagem da USP
Estilos de liderança de enfermeiros em unidade de terapia intensiva: associação com perfil pessoal, profissional e carga de trabalho	Balsanelli Et al	2009	Revista Latino-Americana de Enfermagem
Dythanasia, euthanasia, orthotanasia: the perceptions of nurses working in intensive care units and care implications	Biondo Et al	2009	Revista Latino-Americana de Enfermagem
Humanização em Unidade de Terapia Intensiva Adulto (UTI): compreensões da equipe de enfermagem	Costa Et al	2009	Interface- Comunicação, Saúde, Educação
Sentimentos de prazer entre enfermeiros de Unidades de Terapia Intensiva	Martins Et al	2009	Ciencia y Enfermería

Condutas de Enfermeiros no tratamento de feridas numa unidade de terapia intensiva	Moreira Et al	2009	Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste
Desafios e estratégias das enfermeiras da Unidade de Terapia Intensiva Neonatal	Cardoso Et al	2010	Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste
Os enfermeiros da Unidade Neonatal frente ao recém-nascido com dor	Presbytero Et al	2010	Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste
Reelaboração do treinamento admissional de enfermeiros de Unidade de Terapia Intensiva	Bucchi & Mira	2010	Revista da Escola de Enfermagem da USP
Estudo preliminar sobre a qualidade de vida de médicos e enfermeiros intensivistas pediátricos e neonatais	Forgaça Et al	2010	Revista da Escola de Enfermagem da USP
Demandas do trabalho e controle: implicações em unidades de terapia intensiva pediátrica e neonatal	Fogaça et al	2010	Revista Brasileira de Enfermagem
Estudo fenomenológico sobre a vivência da morte em uma unidade de terapia intensiva neonatal	Silva Et al	2010	Revista Brasileira de Enfermagem
Características dos enfermeiros de uma unidade tecnológica: implicações para o cuidado de enfermagem	Silva & Ferreira	2011	Revista Brasileira de Enfermagem
Eventos adversos em Unidade de Terapia Intensiva: percepção dos enfermeiros sobre a cultura não punitiva	Claro Et al	2011	Revista da Escola de Enfermagem da USP
Interação medicamentosa: conhecimento de enfermeiros das unidades de terapia intensiva	Faria & Cassiani	2011	Acta Paulista de Enfermagem
Estrés de los enfermeros de UCI em Brasil	Guerrer & Bianchi	2011	Enfermería Global

Conhecimento de enfermeiros de Neonatologia acerca do Cateter Venoso Central de Inserção Periférica.	Belo et al	2012	Revista Brasileira de Enfermagem
Estresse ocupacional em enfermeiros intensivistas que prestam cuidados diretos ao paciente crítico.	Inoue et al	2013	Revista Brasileira de Enfermagem
Estresse dos profissionais enfermeiros que atuam na unidade de terapia intensiva.	Monte et al	2013	Acta Paulista de Enfermagem
O ambiente de trabalho em unidades de terapia intensiva privadas e públicas	Balsanelli & Cunha	2013	Acta Paulista de Enfermagem
Enfermeiros de Unidade de Terapia Intensiva adulto: avaliação sobre medida direta e indireta da pressão arterial	Almeida & Lamas	2013	Revista da Escola de Enfermagem da USP
Professional nursing practice: environment and emotional exhaustion among intensive care nurses	Panunto & Guirardello	2013	Revista Latino-Americana de Enfermagem
Perfil profissional de enfermeiros atuantes em unidades de terapia intensiva de um hospital de ensino	Laus; Chaves	2013	Ciência y Enfermería

Fonte: Elaborado pelos autores.